

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL – UNIJUÍ**

ELLEN PAULA

O LUGAR DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

**IJUÍ
2018**

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL – UNIJUÍ
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

O LUGAR DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

ELLEN PAULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura, do Departamento de Humanidades e Educação – DHE, da Universidade Regional do Noroeste do Estado – UNIJUI, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga.

Professor Orientador: Dra. Marta Estela Borgmann

**IJUÍ
2018**

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que houverem momentos em que se precisou de alguém. É reconhecer que jamais poderemos lograr para si o dom de ser autossuficientes, pois ninguém se faz sozinho: sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor.

Agradeço, primeiramente, ao meu pai Sérgio Dill Paula e a minha mãe Romi Albrecht que acompanharam a minha chegada ao mundo, meu crescimento e trabalharam muito, muitas vezes sacrificando seus sonhos em favor dos meus. Não foram apenas pais, mas amigos e companheiros mesmo nas horas em que meus ideais pareciam distantes e inatingíveis. Incontáveis foram as vezes que meu cansaço e preocupação foram compartilhados com vocês, procurando conforto para amenizar a ansiedade e manter-me firme diante dos obstáculos. A vocês, agradeço este momento fascinante que só existe porque aceitaram viver comigo os meus sonhos.

Agradeço à minha irmã Evelin Paula por estar sempre ao meu lado, ser a minha melhor amiga e muitas vezes, mesmo sem perceber, ter me incentivado a prosseguir, a querer ser melhor e ter mais confiança.

Agradeço aos professores que contribuíram diretamente para a formação do meu caráter e profissionalismo. Vocês compartilharam suas experiências de vida e me deram apoio nas horas mais difíceis dessa caminhada. Das mais variadas formas, dedicaram-se a transmitir uma das maiores virtudes que se pode ter: o conhecimento. Suas atitudes, ensinamentos, exemplos e incentivos colaboraram para que eu fosse além dos meus limites.

Agradeço também a Deus por este momento grandioso e único em minha vida. Por tudo que vi, ouvi e senti, por tudo que acertei e pelos momentos que falhei. Obrigada pelas dúvidas e pelos problemas solucionados, porque Tu estiveste comigo nas horas boas e ruins.

Por fim, a toda minha família, meus amigos e especialmente ao Guilherme R. Schalanski que compartilharam dos meus ideais dedico a minha vitória com a mais profunda gratidão, amor e respeito.

O LUGAR DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

Ellen Paula¹

Marta Estela Borgmann²

RESUMO

O presente artigo nasce de algumas inquietações que surgiram ao longo da minha vida pessoal e acadêmica. Trata sobre o importante lugar da afetividade na formação humana do indivíduo e como o afeto se estabelece na prática pedagógica e aprendizagem das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No decorrer do trabalho, será mencionada a importância do afeto, da autoestima e da relação entre a afetividade e a aprendizagem. Também será discutida a relação do afeto no âmbito familiar. A metodologia utilizada para atingir o objetivo, se fez através de uma pesquisa de campo realizada com professoras dos Anos Iniciais de duas escolas uma pública e outra privada do município de Ijuí. Com o relato das educadoras foi possível perceber, na prática, o lugar do afeto na aprendizagem das crianças. O trabalho foi baseado em investigação bibliográfica a partir de autores que sustentam as ideias que serão apresentadas, sendo os principais Paulo Freire, Fernando Savater, Humberto Maturana, Celso Antunes e Piaget.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem; Crianças; Anos Iniciais.

ABSTRACT

This article stems from some of the concerns that have arisen throughout my personal and academic life. It deals with the important place of affectivity in the human formation of the individual and how the affection is established in the pedagogical practice and learning of the children of the Initial Years of Elementary Education. In the course of the work, the importance of affection, self-esteem and the relationship between affectivity and learning will be mentioned. The relationship between affection within the family will also be discussed. The methodology used to reach the goal was done through a field research conducted with teachers from the Early Years of two schools in the municipality of Ijuí. With the educators' account it was possible to perceive, in practice, the place of affection in the children's learning. The work was based on bibliographical research from authors that support the ideas that will be presented, being the main Paulo Freire, Fernando Savater, Humberto Maturana, Celso Antunes and Piaget.

Keywords: Affectivity; Learning; Children; Initial Years.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. ellen_paula_4@hotmail.com

²Professora Doutora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. martabor@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

“Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.” Paulo Freire(1981, p. 15)

Essa citação de Freire me permite iniciar este artigo no qual defendo uma pedagogia afetiva e democrática que exige respeito e querer bem aos educandos. Acredito que a educação afetiva é um dos pilares que devem nortear o desenvolvimento das crianças nas escolas, com o apoio da família, pois possibilita a construção de situações que permitam aos educandos desenvolver o prazer pela aprendizagem.

A afetividade não é sinônima de excesso de amor e carinho, se trata muito mais de um incentivo por meio do apoio, do contato e da motivação do educador com seus educandos. Dessa forma, deixo claro que não se trata de uma conotação piegas ou de um pensamento idealista, mas de um pensar a educação acolhedora e transformadora que relaciona a aprendizagem com a afetividade.

Assim, comecei a esboçar um pensamento mais reflexivo acerca do lugar da afetividade na aprendizagem de crianças de 6 a 10 anos. Escolhi essa faixa etária porque durante minha formação sempre me identifiquei mais com os Anos Iniciais, mas lembro de que uma educação afetiva deve começar desde a tenra idade, ainda na Educação Infantil.

Atualmente, ao analisarmos as relações humanas, podemos perceber que há uma banalização do lado emocional em relação ao lado racional do ser. Na instituição escolar, nesse caso, não há tempo nem espaço para uma educação afetiva. Então, é importante o lugar da afetividade na aprendizagem de crianças? Os professores de Anos Iniciais se permitem envolver emocionalmente com seus alunos? A escola promove uma educação afetiva? Qual a relação da família com essa educação?

Com o objetivo de tratar acerca destas questões, procuro trazer, nos capítulos deste artigo, reflexões de autores como Paulo Freire, Fernando Savater, Humberto Maturana, Celso Antunes, entre outros, que identificam qual o lugar da afetividade na aprendizagem de crianças dos Anos Iniciais.

Essa reflexão só foi possível na medida em que procurei perceber o papel da escola, do educador e da família no desenvolvimento humano da criança, bem como conhecer as concepções dos educadores de Anos Iniciais sobre a importância da afetividade na sala de aula como facilitadora da aprendizagem. O caminho metodológico utilizado para construir este artigo se fez através de pesquisa com professoras dos Anos Iniciais em duas escolas do município de Ijuí - Rio Grande do Sul, sendo a primeira uma Escola Estadual de Ensino pública, e a segunda uma escola de educação básica de ensino privada.

Desta forma, procuro fazer uma breve abordagem sobre a condição humana e o fato de nascermos com o potencial inacabável para a aprendizagem. Também apresento o afeto como um sentimento humano que é condição indispensável de relacionamento. Depois, faço uma abordagem sobre a importância do afeto da família na vida das crianças. O núcleo familiar é a base de tudo na vida do ser humano, portanto, é nesse meio que aprendemos as primeiras noções da vida em sociedade, os primeiros conceitos de cultura, de exemplo, de amor e, portanto, de dar e receber afeto. Enfim, realizo uma pequena análise da prática de uma educação afetiva com base no depoimento das professoras envolvidas.

Assim, foi possível refletir sobre as práticas pedagógicas e as experiências das educadoras, concluindo que no cotidiano escolar este tema é muito relevante no acolhimento das crianças e, por fim, produzindo uma reflexão crítica a partir do estudo da obra de autores que trabalham com a ideia de uma educação afetiva, na qual há uma relação de respeito, escuta, carinho, compreensão e segurança entre os sujeitos envolvidos.

1 O AFETO QUE EDUCA

Para iniciar a discussão sobre o lugar da afetividade na aprendizagem de crianças, é necessário compreender como o ser humano se torna humano e porque somos diferentes de outras espécies animais. Dentre as várias características que nos fazem humanos, o fato de nascermos com o potencial inacabável para a aprendizagem é o que permite que nos tornemos de fato humanos. É Savater que nos traz tal reflexão quando afirma que “nascemos humanos, mas isso não basta, precisamos chegar a sê-lo” (1998, p. 29). Isso porque é através da educação, da capacidade de nos transformar continuamente durante toda a nossa existência, que alcançamos a essência humana.

Savater também nos lembra de que aprendemos a ser humanos com outros humanos, pois “é preciso nascer para humano, mas só chegamos a sê-lo plenamente quando os outros nos contagiam com sua humanidade deliberadamente” e acrescenta, “a condição humana é em parte espontaneidade natural, mas também deliberação artificial: chegar a ser totalmente humano – seja humano bom ou mal – é sempre uma arte”(1998, p. 31).A historicidade da condição humana também é sintetizada por Freire (2015) ao afirmar que somos incompletos, inacabados e inconclusos; portanto, capazes de aprender uns com os outros, de construir conhecimento coletivamente, de tomar consciência, de mudar, de transformar.Nesse caso, posso dizer que não há dúvidas de que as pessoas são diferentes umas das outras, mas, compartilhamos de algo que é comum a todos nós: a capacidade de nos relacionarmos consciente e voluntariamente uns com os outros.

Este processo de relacionamento entre as pessoas envolve muitos fatores, um deles é a nossa capacidade de nos envolvermos sentimentalmente ou, em outras palavras, a nossa capacidade de empatia. Esses sentimentos nos constituem de tal forma que não podem ser negligenciados, mas sim desenvolvidos. O afeto é um sentimento que tem sua origem na palavra latina *affectus*, que significa “ter disposição”. A sua raiz vem de *afficere*, que corresponde a “fazer algo a alguém”, ou então, “influir sobre”. Defendo que o afeto é essencial em qualquer relação humana e que este deve estar presente em todas as fases da vida do indivíduo, pois é uma condição indispensável de um bom relacionamento dos homens em sociedade.Dantas traz a seguinte referência ao sentimento: “a afetividade pode bem ser conceituada como uma das formas de amor”(1990, p.10).

Importantes teóricos da Psicologia e Educação, como Wallon e Piaget, produziram conhecimentos importantes acerca da afetividade como parte integrante na constituição do sujeito. Para Henri Wallon, o ser humano se constrói na interação social. O desenvolvimento da criança é fortemente influenciado pela qualidade dos afetos experimentados por ela. Ele também afirma que as emoções e sentimentos podem contaminar um grupo, além de um ambiente afetivo ter o poder de promover sentimentos. Com isso, as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva que tem importante valor do desenvolvimento cognitivo-sócio afetivo do sujeito humano.

A afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico. (WALLON 2007, p.73)

Wallon, desta forma, nos faz entender que, sob várias influências, as emoções tendem a realizar, por meio de manifestações intensas, uma ligação entre o indivíduo e a aprendizagem.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p.198)

Piaget explica o desenvolvimento cognitivo considerando os elementos afetivos como complementares e essenciais. Para ele, o desenvolvimento do sujeito é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e, paralelamente, outro afetivo. Para ele, o afeto apresenta muitas dimensões, como por exemplo, os sentimentos subjetivos de amor e raiva e também aspectos expressivos, como sorrisos e lágrimas. Afirma também que é impossível desvincular a afetividade da cognição, ou o contrário. Com isso, o desenvolvimento social fica intimamente relacionado, formado um elo entre eles, na medida em que a criança interage com os adultos e com outras crianças.

A vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura. (PIAGET 1971, p.271)

Volto a dizer que a afetividade não é sinônima de excesso de amor e carinho, se trata muito mais de um incentivo por meio do apoio, do contato e da motivação, que se encaixa muito bem no papel que um educador deveria desempenhar na escola. Nesse sentido, a educação afetiva tem um importante lugar na aprendizagem do indivíduo ainda enquanto criança e deveria ser a primeira preocupação dos educadores, pois condiciona o seu comportamento, seu caráter e a própria atividade cognitiva.

Sobre o processo de aprendizagem, Antunes (2007) afirma que aprender não é fácil e realça que o indivíduo precisa estar preparado para receber o aprendizado. Por isso é importante um ambiente marcado pela afetividade, estimulante, cercado de vivências prazerosas e de relações positivas, de forma que se viabilize o aprendizado prazeroso. Cada espaço de ensino e aprendizagem é repleto de emoções, afetividade, energia e trocas dialógicas entre os sujeitos. Assim, para ensinar, é necessário aprender como o outro aprende ou mesmo estabelecer sinergia entre indivíduos. Ensino-aprendizagem é sempre uma via de mão dupla. Maturana (1997) nos diz que educar é um fenômeno com implicações biológicas e ambientais que reverberam em todas as dimensões do humano (mente, corpo, espírito). E,

esse educar e aprender dá-se em um modo cultural de viver. Com isto quero dizer que, nossa origem humana biológica deu-se pela cooperação e amorosidade e não na competição entre indivíduos. Por essas reflexões, podemos compreender que, ao contrário de uma limitação, o emocionar é a própria condição de possibilidade da aprendizagem humana.

Então, educar deveria ser como amar, isto é, reconhecer o outro como legítimo outro. Reconhecê-lo e legitimá-lo em sua totalidade. O afeto se torna condição essencial para que haja consenso em ações coordenadas na relação entre os indivíduos e, então, para que haja sociedade.

O amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece. O amor é sempre à primeira vista, mesmo quando ele aparece após circunstâncias de restrições existenciais que forcem interações recorrentes; e isso é assim porque ele ocorre somente quando há um encontro em congruência estrutural, e não antes. Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre. (MATURANA, 1997, p.185).

Na instituição escolar, embora a sua função fundamental seja a construção e a transmissão do conhecimento, evidencio as relações afetivas como sendo importantíssimas, visto que a construção e a transmissão de conhecimento proposta pela escola geram as relações interpessoais, ou seja, a troca de experiências entre os indivíduos. Porém, na atualidade, ao analisarmos as relações humanas, ainda percebemos que há uma banalização do lado emocional e ênfase no lado racional do ser. Isso acontece porque, supostamente, pensamos que o que difere os seres humanos dos animais é justamente a nossa capacidade de sermos seres racionais e acabamos negando ou colocando em segundo plano nosso lado emocional. Nesse caso, volto a citar Maturana que defende que o ser humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional:

Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais, vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional(2002, p. 15).

É na escola que a criança se relaciona emocionalmente com os colegas e professores e a falta de afeição entre eles prejudica o desenvolvimento e a aprendizagem, pois muitas acabam demonstrando um comportamento de baixa autoestima, timidez, insegurança e muitas vezes agressivo e egoísta. Paulo Freire defende uma educação mais afetiva quando diz

que “não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente [...]” e acrescenta: “gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir” (2015, p. 141).

2 O AFETO DA/NA FAMÍLIA

Quando falamos na educação de crianças, é importante buscar saber quem são esses sujeitos, o que trazem de específico nessa fase, quais são os saberes e as aprendizagens previamente construídos, entre outras tantas indagações que podem ser feitas. Mas, o que não podemos esquecer, é que as crianças são sujeitos históricos que têm cultura, pensamento e emoção, porque essas são características de todo ser humano.

Segundo Piaget (1971), até os dois anos de idade todas as emoções e sentimentos da criança são gerados em seu contato com a mãe e centrados no seu corpo. Assim, à medida que o corpo infantil se separa do corpo da mãe, a vida afetiva da criança vai se descentralizando e se transferindo para outras pessoas. Em outras palavras, o sentimento amor-afetividade construído primeiramente entre mãe e filho, vai se generalizando aos outros, como ao pai, aos irmãos, entre outros.

Dos dois aos doze anos, as crianças sofrem várias modificações no que diz respeito aos seus domínios de afetividade em conformidade com o desenvolvimento de sua cognição. Portanto, o processo de formação e enriquecimento afetivo da criança nos faz perceber que o mesmo é contínuo e inovador, onde a formação de sentimentos está diretamente ligada aos valores e evolução da sociedade, bem como às relações interpessoais.

É no núcleo familiar que a criança estabelece os primeiros convívios em sociedade e, por isso, também é onde se inicia a relação do ensinar e do aprender. A base de todas estas relações é afetiva, pois, desde a mais tenra idade, a criança utiliza uma forma de comunicação emocional com a mãe e, depois com outros adultos, para mobilizá-los a ganhar o que deseja, seja alimento, cuidados, atenção, etc.

À medida que a criança cresce, ela estabelece vínculos que não são somente de dependência. Então, o afeto torna-se importante para ela sentir-se segura para o desenvolvimento de sua independência. A qualidade das relações que ela estabelece na infância é a base para a construção de sua personalidade. Portanto, o ritmo de

desenvolvimento físico, intelectual e emocional da criança será determinado pelas atitudes afetivas recebidas dos adultos que a acompanham, ou seja, o afeto da família.

A criança que cresce em um ambiente afetivo e cercada de cuidados se desenvolve com muito mais segurança e determinação. A base do seu desenvolvimento sempre será a família, pois é nela que se busca encontrar referências, carinho e proteção. Portanto, cabe aos pais demonstrarem aos filhos que são importantes, exercendo isso através de atos de carinho e amor. Um gesto de amor vindo dos pais é um grande estímulo para que a criança se sinta segura, feliz e, conseqüentemente, eleve sua autoestima, algo fundamental para que ela se realize pessoal e profissionalmente.

Acredito que nada pode suprir ou substituir o amor e a atenção familiar. Embora a instituição escola seja muito importante e por mais bem preparados que estejam seus educadores, nunca vai suprir o lugar da família na vida do sujeito. O vínculo afetivo é muito mais intenso do que em outros casos. Um indivíduo pode até encontrar alternativas que amenizam a carência provocada pela ausência de uma família, mas certamente não a substituirá.

Embora o papel da escola seja importante na formação de um indivíduo, a família tem que andar junto com ela e procurar acompanhar todos os processos pelos quais seus filhos estão passando, somente assim poderão prestar mais atenção às suas necessidades e dificuldades. É nos pais que as crianças buscam segurança e refúgio. Diante disso, a responsabilidade que seria da família, muitas vezes é deixada a cargo da escola. Alguns pais acabam esquecendo-se da importância do afeto e da atenção, e acreditam que a escola educará seus filhos. Nesse sentido, vale voltar a dizer que pais e escola precisam caminhar juntos, pois somente a escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família.

3 O AFETO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: DEPOIMENTOS DE SUJEITOS ENVOLVIDOS

Com o objetivo de tratar acerca das questões problematizadoras que fundamentam este artigo, realizei uma pesquisa de campo com duas professoras que atuam em diferentes escolas de Anos Iniciais no município de Ijuí. A pesquisa constituiu-se em quatro perguntas que

envolviam a afetividade, a aprendizagem e as crianças de seis a dez anos. Nomearei de X a professora que leciona na rede pública e de Y a professora que leciona na rede privada.

A primeira questão era o próprio tema principal deste artigo, ou seja, o lugar da afetividade na aprendizagem das crianças. A professora X alega que a afetividade é indispensável na relação de professor e aluno, pois ela condiciona o bom comportamento e o sucesso da aprendizagem. A professora Y relatou que a afetividade está em todos os momentos, desde quando as crianças chegam à escola até o momento de se despedirem, ao irem embora. Ela percebe isso ao ver as atitudes de algumas colegas de trabalho com suas crianças: são frias, duras, não sorriem e negam abraços e beijos. Para ela isso é muito estranho porque no seu cotidiano não faltam abraços, beijos, colos, olho no olho, conversas, entre outras demonstrações de afeto que tornam suas vivências muito mais tranquilas e divertidas.

Sobre a relação de afeto e aprendizagem entre educador e educando, Antunes diz que o professor precisa conquistar o aluno, utilizar a transmissão de conhecimentos de forma positiva, a fim de envolvê-lo, motivá-lo com palavras de incentivo e expressões positivas, pois o grau de envolvimento afetivo e emocional do professor interfere positiva ou negativamente no processo de aprendizagem do aluno.

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendiz. (ANTUNES, 2007, p.12)

Paulo Freire também se posiciona a respeito do papel do educador em uma educação libertadora e, portanto, uma prática educativa que acolhe e quer bem aos educandos, esclarecendo que o afeto deve fazer parte da conduta de um professor.

E o que dizer, mas, sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. (FREIRE, 2015, p. 138)

A segunda questão foi como elas têm percebido as relações interpessoais na sua turma. A professora X relatou que as crianças são muito intolerantes com seus colegas, criam diversos conflitos no cotidiano escolar que acabam em inimizades. Também disse que algumas crianças excluem outras das brincadeiras por preconceito. A professora Y também afirmou que as relações não são nada fáceis, pois as crianças estão indo para as escolas sem paciência,

não conseguem resolver seus conflitos sozinhos e, por isso, sempre precisam da educadora para interferir, não aceitam a negação, querem tudo pra agora, além da falta de limites, pois tudo pode e tudo querem.

É fato que os seres humanos diferem uns dos outros e as nossas relações são estruturadas através das interações entre as pessoas do nosso cotidiano. Nesse caso, as crianças estruturam sua personalidade na relação com outras crianças e com adultos de seu convívio. As divergências ocorrem porque essas relações são complexas e dependem de vários fatores, como as características psicológicas das pessoas, sua estrutura familiar, sua historicidade, entre outros. Para Antunes:

Relações interpessoais é o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e a linguagem, estabelece laços sólidos nas relações humanas. É uma linha de ação que visa, sobre bases emocionais e psicopedagógicas, criar um clima favorável à escola (empresa) e garantir, através de uma visão sistêmica a integração de todo o pessoal envolvido, por meio de uma colaboração confiante e pertinente. (ANTUNES, 2007, p. 9)

A terceira questão foi sobre o que elas fazem para promover a afetividade em sala de aula. A professora X contou que procura promover a harmonia e a afetividade em sala de aula através de rodas de conversa, histórias com lição de moral, trabalhos em grupo, jogos em equipes, brincadeiras coletivas, etc. A professora Y alegou que a afetividade é uma ferramenta nas aprendizagens essencial no dia a dia da escola. Para ela, as crianças sentem-se mais acolhidas quando percebem que dentro da sala de aula há carinho e afeto. Ela afirma também que as marcas da afetividade ficam para sempre na vida das crianças e, por isso, é natural dela, enquanto ser humana, ser afetiva, não tendo dificuldades de proporcionar às crianças uma aula ou uma simples vivência cheia de afetividade. Como exemplo, ela contou que recebe as crianças com abraços e beijos, além de ouvi-las contarem sobre fatos que acontecem em casa ou fora dela, proporcionar brincadeiras que gostem, cantigas, danças, roda de histórias, entre outras.

Vale ressaltar que a afetividade em sala de aula não se refere ao carinho do professor para com determinada criança, mas sim uma afetividade do educador em relação ao contexto grupal, de forma que ele adote uma postura afetiva e positiva com todos os envolvidos. Um ambiente agradável possibilita a oportunidade de um processo de ensino e aprendizagem mais eficaz. Nesse caso, é importante que o educador aprenda a escutar, e escutando aprenda a falar com as crianças. Freire (2015, p. 111) defende que “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar *a ele*”.

A última questão foi sobre quais as mudanças mais significativas, na percepção das educadoras, ocorrem na faixa etária dos seis aos dez anos. A professora X comentou que nessa idade as crianças são mais independentes e, ao mesmo tempo, muito inseguras. Disse que elas enfrentam uma fase de teimosia e também são mais seletivas, tanto com bens materiais quanto com seus relacionamentos pessoais. A professora Y respondeu que nesse período a criança já está mostrando sinais que vai entrar na adolescência, pois começa a fazer abstrações mais complexas, não fica apenas só no concreto e demonstra avanços intelectuais.

Ao tratar do desenvolvimento do indivíduo, Wallon (1975) apresenta cinco estágios onde ocorre a alternância entre aspectos afetivos e cognitivos. O estágio Categorical, que representa dos seis aos onze anos, é caracterizado pela objetividade com escolhas mais definidas, um processo de socialização mais avançado, pois uma parte da personalidade transforma as escolhas dos indivíduos nessa faixa etária.

Para que o indivíduo possa se integrar ao meio em que vive, existe uma dinâmica entre o orgânico e o social, sem existir uma fragmentação. Segundo Wallon (1975, p. 198), “é contra a natureza humana tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original”, ou seja, no decorrer de suas idades ela é um ser em curso de metamorfoses e é feita de contrastes e de conflitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, afirmo que a afetividade tem um importante lugar na aprendizagem de crianças, mesmo que isso não seja sinônimo de sucesso escolar. Porém, é fato que a criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com o processo de aprendizagem, pois isso lhe garante segurança, autoestima, autonomia, entre outros tantos fatores.

Sabe-se que é no período da infância que se constrói a base da identidade adotada na vida adulta e que os adultos que convivem com a criança tornam-se referência comportamental e moral, servindo como modelos a serem seguidos. Nesse sentido, é na família que a criança encontra o alicerce afetivo para suas relações posteriores. A ausência de afeto e atenção da família muitas vezes transparece no comportamento da criança na escola. Porém, não cabe ao professor realizar as funções que são próprias da família.

Todo o ser humano necessita de afeto, em sala de aula, não é diferente, pois a própria relação que é estabelecida entre o professor e o aluno requer a presença da afetividade. Portanto, o professor, além de educar, deve inserir a afetividade como elemento indispensável em sua prática pedagógica, pois educar é um ato de amor. Vale lembrar que a afetividade no ambiente escolar não se limita a demonstrar carinho através de beijos e abraços, mas de se preocupar com os alunos, reconhecê-los como indivíduos autônomos e com uma experiência de vida diferente, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais.

Nesse sentido, o processo de aprendizagem pode ser beneficiado quando educador e educando têm consciência de sua forma de relacionamento, respeitando as diferenças de todos os sujeitos envolvidos. Uma educação afetiva é uma nova e essencial prática pedagógica efetiva. Pode constatar isso no depoimento das professoras envolvidas na pesquisa de campo. Ambas, apesar de realidades completamente diferentes, enxergam o importante lugar da afetividade na aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

Enfim, afirmo que a afetividade é um conjunto de postura, comportamento, atitudes e ações adotadas pelo educador que possam levar a criança a sentir-se valorizada, amada e respeitada. Além disso, é imprescindível reconhecer a importância da afetividade no processo de aprendizagem, cuja função é garantir ao aluno a confiança e segurança necessárias para a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

_____. **Relações Interpessoais e a autoestima: a sala de aula como espaço do crescimento integral**. 5. Petrópolis: Vozes, 2007.

DANTAS, Heloysa. **A infância da razão**. São Paulo: Editora Manole, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MATURANA, H. e VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena Editora, 2011, 3ª edição

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. **Ontologia da realidade.** In. MAGRO, C. et al. (Orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. p. 243- 326.

_____. **De máquinas e seres vivos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Afetividade e aprendizagem.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.